



v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

ENTREVISTA

## AS HUMANIDADES NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Michelangelo Marques Torres é professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), área de Sociologia do Trabalho, onde é Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade/IFRJ/Cpin. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2017; com tese sobre a interface entre o sistema do capital, o processo de trabalho docente e a crise do sindicalismo sob a nova morfologia da educação técnica), mestre em Sociologia (UNICAMP, 2012; dissertação sobre a estratégia da intervenção social das corporações empresariais no Brasil), graduado em Ciências Sociais (2008) pela Universidade de São Paulo (USP), com aperfeiçoamento em formação pedagógica em Ciências Sociais pela Unimes (2010). Realizou Pós-Doutorado em Educação na área de Trabalho, Educação e Sindicalismo na UNICAMP. É autor dos livros *A luta de Trotsky e a defesa incondicional do marxismo* (2022, Lutas Anticapital); *Espectro Vermelho: um estudo das teses do Manifesto Comunista e o itinerário teórico-político do jovem Marx* (2021, Lutas Anticapital); *Trabalho, Sindicalismo e Consciência de Classe* (2020, Lutas Anticapital) e *Cidadania do Capital: estratégias de intervenção social das corporações empresariais* (2019, Alameda); coautor de *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil IV* (2019, Boitempo), dentre outros capítulos de livros e artigos acadêmicos.

**Revista Artífices:** Sabemos que a Educação Profissional compõe um campo histórico-cultural em disputa, portanto, um objeto de interesse dos diferentes segmentos da sociedade brasileira. Nesse cenário de conquistas e adversidades, como situam-se as Humanidades, frente ao tripé Ensino-Pesquisa-Extensão, na Educação Profissional e Tecnológica (EPT)?

**Michelangelo Marques:** Primeiramente é importante salientar, conforme você menciona, que a Educação Profissional sempre foi objeto de disputas e controvérsias ao

# ARTÍFICES

## **v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica**

longo da história educacional brasileira. Essa modalidade educacional prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional requer uma discussão mais de fundo e estratégica sobre concepção de educação e de formação, de currículo (que por si só diz respeito à disputas políticas e ideológicas), mundo do trabalho e relação com o mercado (habilitações técnica e tecnológica visando profissionalização, o “preparo para o exercício de profissões”), público-alvo (perfil de egresso), noção de cidadania, integração entre as dimensões trabalho, ciência e tecnologia, etc. Nesse âmbito de preparo para a vida e para o mundo do trabalho (o qual tem vivenciado profundas metamorfoses recentes), a área de Humanidades no âmbito da EPT requer múltiplos desafios. A necessidade de o estudante vivenciar práticas de formação e ensino a partir de saberes científicos presentes em componentes curriculares propedêuticos (incluindo a modalidade do ensino médio integrado) deveria ser notoriamente reconhecida, como em História, Geografia, Filosofia e Sociologia - as chamadas Ciências Humanas e suas Tecnologias. Qualquer tentativa de enxugamento ou diluição de tais disciplinas e seus conteúdos curriculares em “itinerários formativos”, ainda que em nome de suposta interdisciplinaridade, representa retrocesso educacional.

Não podemos deixar de ter a perspectiva histórica segundo a qual o Brasil é oriundo da expansão de um processo de capitalismo associado e dependente, cujo modelo educacional surge de modo profundamente desigual e ancorado em desigualdades estruturais. Afinal, conforme nos ensina Frigotto (2007, 2012), a desigualdade é produto e condição do projeto dominante da sociedade brasileira. Nunca superamos a dualidade estrutural da oferta de um modelo educativo para o preparo de elites e classes abastadas tendo em vista ao acesso ao ensino superior e aos de administração mais valorizados, e outro aligeirado, ofertado para os filhos da classe trabalhadora visando formação de mão-de-obra para o mundo produtivo (adaptação para o mercado). Assim, uma educação básica de baixa qualidade resulta necessariamente em uma debilitada educação profissional. Essa é a singularidade de nosso desenvolvimento enquanto nação, processo que tem implicado permanentemente a “modernização do arcaico”, um desenvolvimento sem rupturas com a desigualdade econômica, social, cultural e educacional da sociedade,

# ARTÍFICES

## **v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica**

nos termos de Florestan Fernandes (1981), ou de imbricação do atraso/tradicional com o moderno/desenvolvido, sempre tendo em vista uma inserção subalterna e dependente das classes dominantes no Brasil em relação à divisão internacional do trabalho e o centro dominante do capitalismo, conforme reafirmou Francisco de Oliveira (2003).

Na EPT não podemos fazer uma disjuntiva entre ensino das áreas técnicas e das chamadas disciplinas básicas. Deve-se buscar uma formação integral, conectada. Não se trata de uma formação meramente técnica e aligeirada para o preparo para o exercício de uma profissão específica, um saber-fazer prático. Temos que romper com essa visão dual com a qual historicamente o ensino profissionalizante foi concebido.

Feito este preâmbulo, voltemos ao cerne da questão formulada. Na EPT não basta capacitar tecnicamente. A formação de profissionais nesta modalidade educacional requer, sobretudo, habilidades científicas e conhecimentos sociais mais abrangentes do mundo do trabalho e da realidade social que cercam as profissões. No tocante às humanidades, trata-se de uma área que desempenha papel crucial no tripé ensino, pesquisa e extensão na rede de EPT. Contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e eticamente orientado a respeito de questões sociais, culturais, históricas e econômicas condizentes a formação integral dos estudantes desta modalidade educacional. No âmbito do ensino, muito além de enriquecerem o currículo, promovem uma formação mais abrangente para o universo de aprendizagem dos educandos. A pesquisa acadêmica é o recurso de que dispomos para expandirmos o conhecimento científico da realidade em que vivemos. Na pesquisa, as humanidades permitem, por exemplo, investigações acerca de contextos sociais em que os profissionais atuam, além de potencializar novos conhecimentos acadêmicos no campo do trabalho, cultura, ciência e tecnologia. Também nas práticas extensionistas as humanidades orientam e dão base teórica para que docentes e estudantes se engajem e construam projetos sociais ou culturais tendo em vista a interação instituição educacional e comunidade.

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

**Revista Artífices:** Qual papel podemos atribuir às Humanidades na construção de uma visão ontológica do mundo - trabalho, existência, sociabilidade - e mais ampla de sentido para a vida?

**Michelangelo Marques:** Penso que essa pergunta remete à reflexão: a educação profissional precisa de humanidades? Pensar a educação escolar num sentido ontológico, nos termos de Lukács (2018), requer, em leque educativo, a articulação, no plano da aprendizagem, de diferentes dimensões da realidade social que constituem a vida dos seres humanos em sociedade (a materialidade e objetividade da vida, as representações mentais e simbólicas, a processualidade histórica que possibilita e condiciona a existência da vida humana, os conflitos de poder e formas de cooperação, as complexas formas de socialização e sociabilidade humanas, os processos de subjetividade do sujeito etc.). E tudo isso é fundamental na EPT.

Analisar a Cultura (e sua heterogeneidade) enquanto especificidade humana requer que compreendamos os diferentes processos históricos onde se realiza a atividade que denominamos trabalho (atividade de transformação da natureza realizada de modo consciente para satisfação de determinadas necessidades) como algo também específico dos seres humanos tomados como seres sociais, no âmbito de determinadas relações histórico-sociais instituídas. O trabalho humano como atividade vital (tempo de trabalho socialmente necessário) e autorrealizadora requer que vislumbremos reflexão ampla acerca do tempo de vida livre do trabalho, afinal o tempo disponível dos seres humanos é o princípio orientador da produção e reprodução material e cultural da vida.

A reflexão problematizadora e o cultivo do pensamento crítico, a “imaginação sociológica”, a análise contextual, os processos antropológicos de estranhamento daquilo que não nos é comum, a identificação de processos de continuidade (permanência) / ruptura (transformações) nos processos históricos e políticos, a superação do individualismo em prol da noção de pertencimento comunitário (e toda sua dimensão ética), respeito à alteridade e aos direitos humanos, formação de sujeitos para uma forma de sociabilidade pautada na convivência democrática... tudo isso é potencializado pela articulação dos saberes das humanidades e seus componentes curriculares. Qualquer

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

desqualificação das humanidades e de suas disciplinas curriculares vão na contramão desses princípios formativos. Desse modo, a área de Humanidades cumpre um papel fundamental na EPT para uma visão ontológica de mundo, nos termos do materialismo-histórico.

Ao mesmo tempo, temos que associar as concepções teóricas às políticas educacionais concretas. Todo o exposto acima está na contramão do chamado novo ensino médio. Desde a proposta de Reforma do Ensino Médio do governo Temer e sua aprovação pelo Congresso, houve expectativas por parte dos setores democráticos e progressistas de que o novo ensino médio seria revogado com eleição do Governo Lula em 2022. Para surpresa de alguns, o MEC em 2023 não sinalizou nesse sentido, apenas reviu sua forma de implementação na sociedade, mantendo-a vigente. Após votação de mudanças do texto no Senado (PL 52\2023), a Câmara rejeitou mudanças propostas e votou em 09 de junho de 2024 a nova lei que institui o novo ensino médio, em evidente manobra de Arthur Lira e Mendonça Filho, com anuência inclusive da liderança do governo e outros parlamentares, restando até o presente momento apenas a sanção ou veto presidencial. Nesse sentido, o futuro das Humanidades da educação escolar brasileira está ameaçado, notadamente a sua experiência e oferta na EPT. Como bem salientou inúmeras vezes Gaudêncio Frigotto, integrar não é eliminar ou reduzir disciplinas, é dialogá-las entre si, respeitando a especificidade de cada saber científico.

**Revista Artífices:** Em face das profundas transformações em curso e do seu impacto sobre a nossa relação com a tecnologia, a natureza, a sociedade, o mundo do trabalho, a comunicação, como se constitui o lugar das Humanidades no século XXI?

**Michelangelo Marques:** Vivenciamos tempos de profundas mutações e desafios. Nada mais pertinente na formação escolar do que as disciplinas das áreas de humanidades para uma inteligência crítica e aprofundada, com preparo sólido de nossos jovens em tempos de significativas transformações no sistema mundo, sobretudo com a expansão do universo maquínico-informacional-digital, um sistema de serviços cada vez mais informatizado tendo em vista o avanço das novas tecnologias da informação e

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

comunicação e seus impactos sociais, a indústria 4.0, “a internet das coisas”, a inteligência artificial, a impressora 3D, o *big data*, um ambiente de relações sociais cada vez mais fragmentado, onde há prevalência dos valores individualistas e neoliberais (valores-fetice de mercado), flexibilização e desregulamentação de mercado de trabalho e de direitos sociais, debates contemporâneos no cenário político global, o avanço das coalizões das direitas em várias partes do globo, novas dinâmicas de reestruturação produtiva e reengenharia empresarial, emergência climática e crise ambiental-ecológica, expansão das pautas dos novos movimentos sociais e os desafios da emergência de novas identidades sociais, a importância do feminismo, as pautas em torno da diversidade sexual e dos direitos humanos, enfim, um emaranhado de desafios nos tempos presentes. Ou seja, um conjunto de temáticas emergentes no limiar do século XXI são pertinentes à reflexão das humanidades no que se refere a importância de se pensar e repensar a vida social, incluindo a educação, ciência e tecnologia. Ampliar o repertório dos jovens acerca dos fenômenos sociais, políticos, culturais e econômicos para além do senso comum, isto é, apreendendo-os não como práticas subjetivas, mas como relações sócio-históricas, é tarefa fundamental na EPT.

**Revista Artífices:** De que forma a abordagem interdisciplinar das Humanidades contribui com a EPT em seus desafios na integração ensino, pesquisa e extensão?

**Michelangelo Marques:** O tripé ensino, pesquisa e extensão constitui a base do conhecimento acadêmico e o sentido pedagógico das Universidades públicas, dos Institutos Federais e das instituições educacionais vinculadas ao sistema público e oferta de educação profissional e tecnológica, pelo menos desde 2018 nos dois últimos casos. Não apenas presente na Constituição Brasileira (artigo 207 da CF), bem como no artigo 43 da LDB 9394/96 no caso do ensino superior, mas também na Lei de criação dos IFs (n.11.892/2008), trata-se de uma tríade de princípios norteadores indissociáveis das instituições de ensino e seu compromisso de desenvolvimento social com a comunidade. Dizer que o ensino é indissociável de pesquisa e extensão equivale a não nos esquecermos que a pesquisa científica e tecnológica visa a produção de novos conhecimentos e sua

# ARTÍFICES

## **v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica**

divulgação para além dos estreitos muros da comunidade científica, ao passo que as atividades extensionistas remetem ao compromisso de envolver e compartilhar com a comunidade conhecimentos e práticas produzidas pelo ensino e pela pesquisa. Por isso é muito importante que o professor da EPT tenha estabilidade de carreira (via contratação de concursos públicos) e um regime de dedicação exclusiva. Em sua carga horária deve necessariamente haver previsão de tempo de dedicação para pesquisa e extensão.

Contudo, há um hiato entre a legislação e a realidade. Para materializarmos nossa exemplificação, tomemos como reflexão a Portaria 983/2020 expedida pelo governo Bolsonaro e seu ex-ministro de Educação Milton Ribeiro (defensor do privatismo e preso por corrupção) – e, vale dizer, ainda não extinta pelo governo Lula. Trata-se de uma normativa que regulamenta as atividades docentes da carreira EBTT. Dentre outras questões complicadas, a mesma impõe elevação de uma carga horária mínima para atividades de ensino, dificultando ao docente a conciliação com atividades de pesquisa e extensão. O intuito parece ser tornar o professor da Rede Federal um professor limitado à extensiva jornada em sala de aula. Em contraposição, cumpre observarmos que a Lei de criação da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica de 2008 diz que sua “missão” obriga o cumprimento de diretrizes em torno da “necessidade de atuar no ensino, na pesquisa e na extensão, compreendendo as especificidades destas dimensões e as interrelações que caracterizam sua indissociabilidade” (BRASIL 2008). Nesse sentido, a garantia de atividades de pesquisa e extensão na Rede Federal está ameaçada.

Quanto a questão da interdisciplinaridade, darei um exemplo concreto relativo ao Grupo de Estudos e Pesquisa Marxista do IFRJ (GEPMARX-IFRJ) que coordeno atualmente. Essa é uma tentativa de congregiar docentes, técnico-administrativos, pesquisadores externos convidados e estudantes de realizarem estudos, pesquisa e cursos de extensão em torno de temáticas interdisciplinares que envolvam diferentes áreas do conhecimento. Do mesmo modo inúmeros programas de Pós-Graduação dos Institutos Federais, como o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade do IFRJ, campus Pinheiral, do qual já fui coordenador. Trata-se de uma

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

especialização *lato senso*, que conta com um corpo docente e linhas de pesquisas que dialogam diversas áreas: Ciências Sociais aplicada, Ciências Ambientais, Sociologia, Agronomia, Biologia, Medicina Veterinária, Economia, Geografia, História, Recursos Hídricos e Desenvolvimento Regional. Os estudantes desta pós-graduação desenvolvem suas pesquisas de TCC sob essa perspectiva inter e transdisciplinar. Esta é apenas uma ilustração de tantos outros exemplos promissores no país.

**Revista Artífices:** De que maneira as Humanidades podem contribuir com o processo de criatividade e de inovação na EPT?

**Michelangelo Marques:** Nas últimas décadas há a expansão de todo um léxico de mercado incorporado à educação enquanto tentativa de se educar para o consenso. O novo dicionário do capital requer uma reengenharia enxuta não apenas de suas plantas produtivas e modelos de gestão, mas também na busca da manipulação das subjetividades. De tal modo, criatividade e inovação são duas palavrinhas mágicas. Devemos nos perguntar no âmbito pedagógico: criatividade para que? Inovar sob qual perspectiva? O entendimento das corporações empresariais visa essencialmente ao lucro, redução de custos e rendimento financeiro aos acionistas empresariais. No âmbito da formação humana, tais palavras devem adquirir outro sentido e significado. Devemos pensar numa formação e transformação para além do capital e dos interesses de mercado.

Segundo um pensamento educacional emancipatório, as humanidades devem despertar as potencialidades humanas criativas e reflexivas, com base nos conhecimentos científicos de cada área específica, tendo em vista o estímulo a autonomia reflexiva dos estudantes solidamente amparada, dispendo de estímulo ao desenvolvimento de habilidades cognitivas e emocionais para interpretação e reflexão acerca dos processos sociais e culturais, bem como estímulo ao surgimento de novas ideias e propostas de intervenção na realidade que atendam as necessidades humanas reais, as quais o sentido de inovação nos remete. Potencializar as ações humanas e suas atuações profissionais para criatividade e inovação não pode ser entendida nos estreitos e mercadológicos limites de mercado. Tratam-se das potencialidades humanas para a vida em sociedade, pautadas

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

na cooperação, e não na concorrência; na solidariedade humana, e não no individualismo meritocrático; na alteridade, e não na intolerância; na empatia, e não na indiferença com o outro; nos princípios da igualdade, e não na propriedade; nos valores participativos, e não na submissão e tutela; na autonomia, e não na dependência. O estímulo ao pensamento crítico acerca da realidade social que nos cerca deve ser contínuo. A educação precisa da criação de bases materiais para o estímulo à solidariedade, com ramificações duradouras para o futuro, conforme nos sugere o filósofo húngaro István Mészáros (2004).

**Revista Artífices:** Em sua perspectiva, quais são os desafios enfrentados para integrar os saberes das Humanidades em currículos voltados a EPT?

**Michelangelo Marques:** Há um perigo neste tema. Conforme mencionamos, integrar não é eliminar disciplinas, é preciso dialoga-las. Fazer com que seus conteúdos e discussões se entrelacem no aprendizado do estudante. A abordagem interdisciplinar de fato é um desafio na EPT, e na educação como um todo. Contudo, há uma disputa no interior do MEC (sobretudo impulsionada pelos Aparelhos Privados de Hegemonia empresariais) no intuito de reorganizar a lógica do currículo por áreas do conhecimento que têm por foco aligeirar o ensino e, apesar de se propor integrador, destitui qualquer concepção pedagógica interdisciplinar autêntica.

Há uma confusão no que se propaga entre direito à educação e direito à aprendizagem. As recentes reformas educacionais que incidem sobre a EPT remetem à segunda questão, o direito à aprendizagem, reduzindo a temática educacional (ensino-aprendizagem) à questão da aprendizagem individual a partir do conhecimento adquirido através de experiências, e não por meio do ensino.

É preciso alertar que os fundamentos pedagógicos da BNCC do novo Ensino Médio têm profundos impactos na EPT. Eles focalizam o desenvolvimento de competências e o que seus adeptos denominam por “educação integral” (que em verdade se reduz à educação em tempo integral, desvirtuando o sentido da educação politécnica). A **noção de competências** se baseia nas noções de saber (conhecimentos, habilidades,

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

atitudes e valores) e saber-fazer (o aluno estimulado a resolver demandas cotidianas), ao passo que a **concepção de habilidades** contempla as chamadas habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais. Em verdade, a pedagogia das competências (Ramos 2001) trata de **pedagogia por resultados**: preparar o aluno para situações cotidianas (aprender a aprender) e adaptado à novas situações em constante mudanças. Importante lembrar que alguns dos pilares da Reforma do Ensino Médio são justamente a noção de competência, de desenvolvimento pessoal (uma espécie de fusão entre coaching e autoajuda) e de preparo para atividade profissional. Na prática a nova BNCC corresponde a viabilização curricular para a referida Reforma do Ensino Médio.

Saviani (2009), ao fundamentar uma pedagogia histórico-crítica, entende que a tarefa central da prática educativa do educador crítico é: empreender a crítica à educação burguesa evidenciando seus mecanismos e desmistificando sua justificação ideológica; ao mesmo tempo, cabe realizar o segundo movimento que implica reorganizar a prática educativa de modo a viabilizar, por parte das camadas dominadas, tendo à frente o proletariado, o acesso ao saber elaborado (SAVIANI, 2009 p.114).

A proposta apresentada em torno do novo ensino médio é radicalmente contrária ao desafio proposto por Saviani. O PNLD do novo ensino médio dilui o conhecimento escolar pelas chamadas “habilidades e competências” de mercado, reorganizando a lógica do currículo por áreas que têm por foco aligeirar o ensino e, apesar de se propor integrador, destitui qualquer concepção pedagógica interdisciplinar autêntica. A ênfase está em livros de projetos que substituem componentes curriculares, ancorados em projetos integradores e projetos de vida reduzidos às competências da BNCC, cujas áreas do conhecimento, adequadas ao novo ensino médio, substituem as disciplinas específicas. Conforme já mencionamos, não é possível integrar disciplinas diluindo-as, mas dialogando-as entre si, respeitando a especificidade de cada saber científico.

A aposta das humanidades deve ser em transformar inclusive relações no interior da escola. Além de propostas metodológicas que aproximem professor-estudante, é necessário o esforço em se traduzir o saber científico em profundo diálogo com situações existenciais intensamente sentidas pelo universo estudantil, pretendendo-se aproximar a

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

escola da sociedade, sobretudo da cidade, do bairro, dos movimentos sociais e da vida cotidiana da classe trabalhadora. Conforme destaca Lombardi (2011 p.240):

Sendo assim, em lugar de uma escola onde “professores fingem que ensinam” para “alunos que fingem que aprendem”, centrada na forma e não no conteúdo, é preciso propiciar a todos os homens o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, bem como uma educação crítica, voltada ao atendimento de toda a sociedade, dentro de uma perspectiva política de transformação social.

Exemplifiquemos com um projeto interdisciplinar que desenvolvi durante alguns anos em aulas de Sociologia, conforme tive oportunidade de relatar em Torres (2021b). Trata-se de um projeto disciplinar envolvendo os componentes curriculares de Sociologia, História, Geografia – a depender do ano incluíamos Filosofia, Artes e Literatura. A partir da leitura das obras *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*, de Friedrich Engels, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, estimulava-se que os estudantes realizassem apresentação de trabalhos que deveriam ser precedidos de pesquisa de campo. O trabalho integrado durava todo o ano letivo. Os estudantes realizavam um trabalho integrado e interdisciplinar no intuito de estabelecer um prisma comparativo entre a realidade da classe trabalhadora inglesa durante a Revolução Industrial, a situação dos brasileiros no início do século XX e no Brasil de hoje. Pretendia-se, assim incentivar os estudantes a observarem a complexidade e os aspectos contraditórios da vida cotidiana na cidade urbanizada e industrializada, a fim de que compreendessem em perspectiva interdisciplinar os fenômenos estruturais da sociedade para que pudessem entender de modo mais profundo a sociedade em que vivem. Não é desnecessário mencionar que ambas as obras eram trabalhadas e contextualizadas por cada disciplina em sala de aula, a partir de seus conteúdos curriculares, além de atividades de campo. Acreditamos na afirmativa de Santomé (1998, p.44), segundo o qual “a complexidade do mundo e da cultura atual leva a desentranhar os problemas com múltiplas lentes”.

**Revista Artífices:** Qual é a importância das Humanidades na formação científica e profissionalizante?

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

**Michelangelo Marques:** Penso que de certa forma já desenvolvi alguns elementos dessa questão. Há todo um discurso segundo o qual as reformas atuais na educação teriam em vista a valorização da aprendizagem, do protagonismo juvenil e que os conteúdos curriculares devam ser diluídos e estarem mais próximos dos alunos. Assim, os problemas educacionais estariam localizados no currículo escolar e nos próprios professores que carecem, segundo essa perspectiva, de treinamento para novas “metodologias ativas” de ensino. Em verdade, trata-se da busca por obtenção de consenso em torno de políticas regressivas que se apresentam como propositivas e que ocultam os problemas estruturais da educação básica.

Nessa acepção minimizadora, uma formação profissionalizante deve se restringir ao “saber fazer” de ordem prática. Se tomarmos o caso dos Institutos Federais, tem havido uma crescente na oferta de cursos FIC, que são cursos pontuais e de curta duração, não raros ofertados virtualmente, ao passo que observamos, simultaneamente, quase que uma estagnação de expansão de novos institutos desde 2016, período relativo aos governos Temer e Bolsonaro.

Não podemos perder de mira que as recentes tentativas de reformas do Estado (como a trabalhista, a previdenciária e a tentativa de reforma administrativa) estão alinhadas às reformas educacionais. Nesse ideário, a educação profissional cumpre papel fundamental ao se formatar uma modalidade educacional de novo tipo. Ora, o que está em curso no Brasil é uma ofensiva permanente de desmonte de novo tipo: uma tragédia educacional centrada no privatismo neoliberal e que pelo menos até 2022 (e em alguns estados até hoje, vide o modelo de escolas cívico-militares) esteve também centrada no neofascismo obscurantista. Trata-se de um novo patamar de mercantilização da educação. E com a vitória eleitoral do Partido dos Trabalhadores em um governo de Frente Ampla, em 2023, se o MEC foi parcialmente desbolsonarizado (sobretudo sua ala militar e neopentecostal), os setores empresariais privatistas e seus Aparelhos Privados de Hegemonia (a Fundação Lemman, o Todos Pela Educação e demais institutos empresariais) ainda são hegemônicos. Os desafios são imensos. E justamente o que pretendem é diluir as disciplinas de humanidades em projetos, reduzir seus conteúdos

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

científicos e substituí-los por vagas noções de empreendedorismo, educação financeira, projetos de vida. Diante desse cenário, penso que defender o conteúdo científico curricular e o ensino integrado no âmbito da EPT é uma forma de resistir às empreitadas regressivas em curso. E a defesa da área de humanidades e da permanência de todas as suas disciplinas é fundamental.

**Revista Artífices:** Qual o lugar da interdisciplinaridade na Educação Profissional e Tecnológica? Como estabelecer e/ou ampliar diálogos entre as áreas chamadas técnicas e as denominadas de formação geral, na qual as Humanidades participam?

**Michelangelo Marques:** Pelo que já indicamos, os desafios são grandes. O saber requer a conjunção de diversas áreas do conhecimento. Não podemos abrir mão do conteúdo curricular e do conhecimento construído historicamente pela humanidade em cada campo científico, simplesmente em função das críticas pós-modernas centradas na diluição de conteúdo e centradas em metodologias didáticas dito ativas. É preciso integrar os saberes das distintas matérias dos cursos, inclusive não apenas das humanidades, mas de outras áreas, notadamente das humanidades com as matérias técnicas, estabelecer relações entre as áreas do conhecimento, promover a intersecção de conteúdos de diferentes matérias, a fim de que o estudante elabore uma visão mais ampla do que se estuda. O aprendizado deve fazer sentido na vida do estudante. “Mas quando vou usar isso na minha vida?” é uma questão que precisa ser enfrentada com seriedade, sem abrimos mão da rigorosidade do conteúdo científico. A interdisciplinaridade é um dos elementos desafiadores para se modificar essa questão, uma vez que os conteúdos relacionados ganham mais sentido.

Refletir sobre a formação profissional integrada ao ensino médio na Rede Federal é um desafio dos mais cruciais inclusive como forma de resistência aos atuais modelos de reformas educacionais regressivas. No ideário do capital, o aprendizado transmitido (habilidades e competências) deve estar alinhado às expectativas de um mercado informal e cada vez mais fragmentado e desregulamentado. Daí o papel das reformas, no intuito de se padronizar processos e dispositivos organizacionais na educação flexível para o

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

mercado. Deve-se educar para a flexibilidade, requerendo-se um novo perfil de trabalhadores (sob o ideário do “colaborador”), dotados de versatilidade, polivalência, proatividade. Não à toa visa-se reduzir História e Geografia, e disciplinas como Sociologia e Filosofias estão ameaçadas neste cenário. Na época em que estivemos na Coordenação da Frente Nacional por um PNLD Democrático<sup>1</sup>, realizamos inúmeros debates e *webnários* em que foram analisados criticamente os conteúdos curriculares dos novos livros didáticos sob a gestão Bolsonaro. Era nítido o caráter de esvaziamento do conteúdo científico, com métodos padronizados de acelerar discussões, ausência de continuidade de conteúdos pedagógicos (abordagens temáticas) e sem qualquer perspectiva de processo histórico (historicidade), demonstrando uma abordagem estreita e rebaixada em termos científicos. Os próprios livros didáticos de matérias curriculares passaram a ser substituídos por livros de áreas do conhecimento, isto é, os livros das disciplinas de História, Geografia, Filosofia e Sociologia passaram a ser reduzidos em um volume de Ciências Humanas e Sociais, sob o pseudodiscurso de uma visão interdisciplinar e integradora. Nos itinerários formativos do ensino médio, Projetos de Vida voltados para o mercado substituíram a rigorosidade do saber científico em plena era do negacionismo.

Ao contrário, guardadas suas especificidades, as humanidades e as disciplinas de formação geral podem e devem relacionar-se com as chamadas áreas técnicas. O ensino profissional, sobretudo o integrado, não é mera junção de disciplinas. Deve, antes disso, apontar para uma educação omnilateral, onde a concepção de formação humana deve contemplar todas as dimensões que constituem a vida humana para seu pleno desenvolvimento histórico, tendo o trabalho (no sentido ontológico do termo) o princípio educativo fundamental. De tal modo:

---

<sup>1</sup> A Frente Nacional por um PNLD Democrático foi constituída, em 2021, pela articulação de professores, pesquisadores e sindicalistas da área de educação de diferentes redes de ensino em todo país (federal, estaduais, municipais e privadas) objetivando amplo debate e reflexão pedagógica em torno da defesa de revisão e revogação do PNLD e da BNCC do governo Bolsonaro, por entender que *tais investidas representam uma política educacional estruturante em um contexto de projeto político de desmonte da Educação Pública e Democrática, orientando o preparo de materiais didáticos e do currículo escolar alinhados à [Base Nacional Comum Curricular](#) (BNCC) e à [Reforma do Ensino Médio](#) (lei 13415/2017).*

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

Omnilateral é um termo que veio do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. Educação omnilateral significa, assim, a concepção de educação ou formação humana que busca levar em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para o seu pleno desenvolvimento histórico. Essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. Em síntese, a educação omnilateral abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos, pois os mesmos não são simplesmente dados pela natureza (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2012 p.265).

Além dos desafios teóricos existem complicadores de ordem subjetiva, é preciso sermos honestos. Muitos dos colegas professores das áreas técnicas têm um perfil pedagógico e formação didática diferente dos professores das áreas propedêuticas, centrado em licenciaturas. Faz-se necessário sanar essas disparidades, afinal todos são essencialmente educadores no sentido profundo da palavra. Ampliar diálogo entre as diferentes áreas requer também esforço pedagógico por parte dos docentes e das coordenações pedagógicas, num novo rearranjo escolar.

**Revista Artífices:** Como você avalia as propostas de consolidação - e criação - de cursos em Humanidades na EPT?

**Michelangelo Marques:** Os cursos de educação profissional e tecnológica previstos na LDB são: a) formação inicial e continuada ou qualificação profissional; b) educação profissional técnica de nível médio; c) educação profissional tecnológica de graduação e de pós-graduação. No caso dos Institutos Federais, a legislação prevê que no mínimo 20% de suas vagas devam ser ofertadas na modalidade de licenciaturas e 10% ao PROEJA. Porém nem sempre isso é cumprido (Araújo; Longo; Amorim e Gonçalves 2022). Temos observado nos últimos anos uma relativa expansão, ainda incipiente, da abertura de cursos na área de humanidades, incluindo licenciaturas e pós-graduações, como o mestrado profissional. Muitos deles visam desenvolver competências acadêmicas e educacionais ou aperfeiçoamento para professores de educação básica ou da própria

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

rede federal. A criação de tais cursos vêm para somar-se à ideia segundo a qual educação, ciência e tecnologia estão profundamente conectadas aos interesses sociais da comunidade. A articulação ensino, pesquisa e extensão em cursos de humanidades no âmbito da EPT apenas fortalecem o sentido e construção de uma vocação politécnica para a educação. Mas é fundamental frisarmos que tais cursos não podem ser desescolarizados, ou seja, devem ser ofertados prioritariamente na modalidade presencial.

**Revista Artífices:** Finalmente, olhando para um futuro próximo, quais são os desafios e as possibilidades colocados para as Humanidades na EPT?

**Michelangelo Marques:** Alguns dos desafios já foram aqui expostos. A noção de formação humana deve estar pautada para além da racionalidade técnica-instrumental orientada conforme os ditames do mercado. A questão que pretendemos responder nesta entrevista foi: a educação precisa de humanidades? Argumentamos que as humanidades não são mero adereço formativo em cursos de EPT, mas que constitui um de seus núcleos fundamentais. As humanidades possibilitam diferentes abordagens acerca da realidade social que nos cerca e constitui. A condição dos seres humanos enquanto seres sociais, pressupõe referenciais culturais e aprendizado de um saber historicamente constituído e que precisa ser socializado, um patrimônio histórico-cultural-científico que tem que ser compartilhado.

Atender apenas as demandas do capital reforça uma vida alienada. Não devemos nos pautar pelos institutos empresariais (aliás, nada educativos) ou pelos parâmetros de organismos como Unesco, Banco Mundial ou OCDE. Uma educação que não estimule instrumentos para o exercício à crítica pouco contribui para o desenvolvimento intelectual do sujeito. O senso comum quase sempre é incapaz de problematizar a realidade. Deixa margem para que ideias conservadoras ou reacionárias, como a reprodução do machismo, da lgbtfobia, do racismo e do ódio às diferenças ganhem corações e mentes. Sem essa dimensão propiciada pelas humanidades, o estudo se resume na absorção acrítica de conteúdos (o estudante vira consumidor de uma mercadoria imaterial), os quais lhe trarão mero retorno individual, sem compromisso com a sociedade.

# ARTÍFICES

## **v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica**

Um entendimento estreito da noção de formação humana, seja em qualquer curso, tem implicações e entendimentos reduzidos sobre formas de subjetivação e de produção de identidades alinhadas ao ideário do individualismo e de compreensões desprovidas do sentimento de pertencimento à comunidade humana, como redução da cidadania à condição de consumidor, e outras formas de subjetividade descompromissadas com a responsabilidade social. Nunca podemos perder de mira que “a sociedade não nasce da razão nem da natureza, mas de condições históricas determinadas que levam os homens a se agregar cada vez de modo diverso (Chauí 2014, p.80). Assim, não basta formarmos profissionais restritos a dimensão técnica-produtiva. É necessário humanizarmos o exercício das profissões e formarmos cidadãos. Despertar as potencialidades criativas e possibilidades emancipatórias dos sujeitos. Por isso o cultivo das humanidades é tão importante na educação. Afinal, conforme nos ensinou Paulo Freire, apostamos na não neutralidade da educação.

Esta última questão nos remete ao projeto de sociedade que pretendemos desenvolver coletivamente enquanto humanidade e a constituição mais sólida entre a relação educação básica e técnico-profissional. É preciso encararmos de frente as reformas estruturais historicamente proteladas: a reforma agrária profunda capaz de superar o latifúndio e a concentração da propriedade da terra; reforma educacional ancorada na valorização exclusiva de recursos para a educação pública visando a universalização democrática da educação e sua melhora quantitativa e qualitativa, e que simultaneamente articule conhecimento, valores, cultura, tecnologia e trabalho com uma concepção educacional unitária e politécnica (uma educação não-dualista, mas de formação omnilateral); a reforma tributária efetiva a fim de assegurar melhor distribuição de renda, taxar grandes fortunas (e tributar o capital) e destinar maiores recursos para áreas sociais. É claro que essas reformas devam estar associadas a um modelo de transição social e produtivo capaz de apontar para superação das desigualdades sociais oriundas do atual modo de produção de mercadorias com base no mercado, tendo em vista o efetivo avanço nas áreas de educação, ciência e tecnologia. A superação da lógica desumanizadora do capital e da alienação requer disposições transitórias e

# ARTÍFICES

## v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

transformativas. Não será fácil superar o sistema ideológico que cotidianamente nos inculca valores e sentimentos que reforçam determinados interesses vinculados à materialidade das classes dominantes e a reprodução alienada de uma vida inautêntica e pouco dotada de sentido. A educação profissional e tecnológica, que está em sua essência vinculada ao destino do trabalho, como demonstrou Mészáros (2008), terá papel fundamental na construção de outro modo de produção e de vida.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO; LONGO; AMORIM e GONÇALVES. O descumprimento da lei de criação dos Institutos Federais e a oferta de cursos na categoria “outros” no IFSP: uma tentativa de elitização do ensino?. **Revista Olhar de Professor**. Ponta Grossa, v.24, 2022.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm) (acesso em 11/07/2024).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de dezembro de 1996**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm) (acesso em 11/07/2024)

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas**. São Paulo: Cortez, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: um ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. **Educação & Sociedade**, vol.28, n.100, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: SALETE, R; PEREIRA, I.B; ALENTEJANO, P; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, p.748-759, 2012.

LOMBARDI, J.C. **Educação e ensino na obra de Marx e Engels**. São Paulo, Alínea, 2011.

# ARTÍFICES

v. 5 n. 1 (2024): As Humanidades na Educação Profissional e Tecnológica

LUKÁCS, Geörgy. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica da razão dualista: o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo, 2003.

RAMOS, Marise. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?** São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade. O currículo integrado**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TORRES, Michelangelo. Formação Técnica e Profissional sob a devastação ultraneoliberal e o gerenciamento privado no Brasil. In: CAETANO, M.R; JUNIOR, M.J.P; SOBRINHO, S.C (orgs.). **Educação Profissional e os desafios da formação humana integral: concepções, políticas e contradições**. Curitiba: Editora CRV, 2021a.

TORRES, Michelangelo. O diálogo do professor com seu público: a importância da sociologia pública e da crítica social na Rede Federal. In: TOMAZELLA, M; OSTROWER, I.M; PEREIRA, A.C.T. (Orgs.) **Filosofia e sociologia na Rede Federal. (Reflexões na Educação)**. João Pessoa: IFPB, 2021.

SAVIANI, Dermeval. Modo de produção e a pedagogia histórico-crítica. **Germinal: marxismo e educação em debate**. Londrina, v.1, n.1, p.110-116, jun-2009.